



Lisboa, Seg. Feira 14 de Dezembro de 1931

Ano 1 Numero 2

Redação e Administração

Director Jose Tavares

Administrador: Gonçalves Reis - Editor: Silva Cruz

Rua Dr. Alexandre Braga, JRC, 190 - Redator principal: Souza Carvalho

Amulher e o Voto

A mulher portuguesa que na sociedade do nosso tempo tem sabido conquistar, no campo das letras e das artes como até mesmo no campo das sciencias lugares de destaque que há pouco ainda só ao chamado sero forte pertenciam, continuava a manter em face da politica uma indiferença que quasi nos desconcertar se a compararmos aos entusiasmos e decisões com que, por exemplo, a mulher inglesa procura, por meio das urnas, intervir na vida politica do seu país.

Ainda há pouco tivemos entre nós uma confirmação deste facto quando as mulheres do nosso país foi concedido o direito de votar. E estou certo que o mesmo sucederá com a mulher esportista que acaba de adquirir igual direito e com a mulher francesa se algum dia o chegar a conquistar.

Não queremos, no entanto, justificar esta indiferença e quasi desinteresse pelas coisas publicas com a já estafada afirmação de que estamos ainda atrasados no caminho do progresso e da civilização. Não! não é essa a causa tanto mais que em Portugal dizem-se tem vencido ultimamente e a passos agigantados grande parte da distancia que o separava das nações mais civilizadas. Essa causa deve ser antes de ordem (continua na pag.)

Nun'Alvares



Celebrou-se a noite do passado mês de Novembro, o quinto centenario da morte de uma das mais excellentes figuras da nossa epopeia nacional, o condestável D. Nuno Alvares Pereira.

Quito se honrar "o Aldrubia", dedicando algumas linhas ao raro justo e bravo, ao intemperato guerreiro que, a golpes de lança, nos esculpiu o brazão mais bello, mais glorioso e irreprezível que jamais possuiu qualquer nação.

Atouros, Alfubarrôta e Valverde, Jalovar, são padroes que testam a posteridade quanto pesou no seu destino a sua espada invencivel.

Não tenho pretensões a biographo, nem para tal me habilito saber e talento; todavia, não deixo rei de avotar alguns factos não irrelevantes, evidentemente, da sua vida, que melhor nos ajudem a conhecê-lo.

Viveu D. Nuno no final dos tempos medievos, em pleno feudalismo por consequencia.

Em regime feudal a noção de nacionalidade não correspondia rigorosamente ao seu significado actual; considerava-se um reino como fortuna do seu rei, e nem a todos repugnava que a respectiva successão se fizesse, em todos os casos, os seus tramites normais.

Foi assim, que morto D. Fernando, seu deusar filho varão, uma grande parte da nobreza e do clero português preferiu ao bastardo de D. Pedro I, a esposa do Condestavel.

Negar que foi o vil interesse, o principal agente das suas preferencias, seria grande ingenuidade; ao rematada honra; no entanto, outra seria, parventurar, a sua conduta se tais costumes não fizessem lei.

Com o clero e nobreza pouco podiam contar, de unio,

Amulher e o Matrimonio

Das assuntos respeitantes à vida da mulher, o que pela sua seriedade maior a tenção mereça é, sem duvida, aquele que mais impensada e superficialmente se trata. Refiro-me ao casamento.

Como até agora a mulher se tem quasi sempre as transformações, as mais breves, que o mundo sófrar, continuava exercendo um papel passivo perante, direi mesmo passivo perante decisivo, na vida do homem, dando-lhe, imprimindo-lhe uma orientação de que depender grande numero de vezes, a felicidade de ambos.

No estudo dessa directiva dessa nova vida, deve ella dedicar uma grande parte do seu tempo e da sua vontade, fazendo sempre por adaptar-se ao facto daquile que escolher para marido, nunca esquecendo que será por elle dominada. Não pretendo dizer com isto que o homem se crea sobre a mulher, tirando-lhe o poder absoluto, tirando-lhe a vida; nada disso, apenas quero frisar, deve a mulher empennar-se de que, casando, encontrará uma vontade superior à sua, vontade esta que respeitara, sem nunca tentar usurpar.

Preciso é notar que, quando no espirito facilmente influenciavel da mulher, nasce o desejo estulto de fruir as mesmas direitos que o homem, nunca no lar poder haver boa harmonia.

Uma mulher que se genuinamente feminina, abstrahida de qualquer pretensão ridicula e toda a masculinizar-se. Estas, pelo seu preciosismo, não contavam para um como tal, são uma aberração fugindo ao género para que foram creadas.

Estão longe de colocar neste grupo as que pela sua energia e inteligência, quando os, se sabem impor; e são dignas da cunha admirada, e hauriam - lhes - si espíritos fortes.

Por sua vez o homem não esquecerá o papel simpático destinado a mulher no lar, atendendo sempre a sua fragilidade, nunca o olhando como um objecto sobre que adquirir diletos, mas sim, vendo-a como um amigo, um conselheiro, sendo para ella um director espiritual; aplacando - lhe qualquer excessivo interesse - se mesmo pela sua "toilette"; corrigindo aqui e ali qualquer coisa, tudo enfim que a possa desmerecer, e imprimeindo em tudo autoridade, sem no entanto lhe fazer sentir.

Logo seria humilhante e revoltante a

Nunca, depois de casada, a mulher deve descuidar a sua "toilette" pessoal; esse abandono obtido causaria no espirito do marido uma impressão a tal ponto desagradável que, a pouco e pouco, instintivamente elle afastar - se - ia.

Pensar que não precisa preocupar - se com a sua pessoa, dentro o lar, nem nos convívios intimos, é pura enganosa, mera ilusão. Contra ordinariamente egoista, como é, o homem não perdoaria a esposa essa distração, devido ella nessa altura, quando us lar, reconer ao seu génio creador, acentuada - mente inventivo, apelar para o caudão que lhe é concedido de "do pouco fazer muito", mostrar, provar - lhe enfim como sabe ser mulher.

É que viver com tal abandono ?!

Ocaso não será depois do casamento que ella tenta interessar em agradar ao marido, captando - lhe toda a atenção ?!

Para quê, então, desprender - se dos seus atavios, desprezar aquelles pequenos cuidados que tanto a caracterizam e nos faz, por vezes, sorrir pelos seus gostos, caprichos verdadeiramente divertidos ?
(continuação na página seguinte)

Nun'Alvares

aquella a quem os carteristas chamavam "o Genio de Leubá", não obstante certamente quanto fustes serio o espirito se despiu - o de ironias, o estender-se a todo o pais e ao futuro imperio colonial. Com os tempos as coisas modificaram - se; bastantes vobos reconciliaram em suas concepções, e aderiram por fim a boa causa, mesmo daomente. Onde que, descoberta a conspiração que o devia vitimizar, D. João de Castella encarcerou sua sogra no convento de Tordesillas.

Mas nem todos assim fizeram, muitos permaneceram fiéis ao invasor.

D. Nuno Alvares Pereira, esse, desde o principio, teve - o o mestre a seu lado, nos dias de gloria como nos de angustia; desobediencia a seu irmão e chefe de familia, D. Pedro Alvares, prior do Hospital, infiel a Regente que o annuara cavaleiro, mas dedicado a Patria sacrosanta, firme sustentáculo da sua independencia.

Se em bravia era um gigante a sua bondade, abnegação e desinteresse eram sublimes.

Na presa abundante que as suas hostes tinham sempre fagiguer, nunca compartilhava

Logo que constou, vir o rei de Castella retirar Leubá por terra e mar, entendeu por bem o "Mestre de Armas" reunir todas as forças marinhas que possuía e esse intento mandou ao Porto, que Pereira pedir honras, honras, honras e mantimentos.

Tudo lhe foi concedido com largueza e propuzeram os portuenses que se desse o commando da frota a D. Gonçalves, alcaide de Coimbra e irmão de D. Leonor Telles. A finalidade deste arbitrio era atrair D. Gonçalves para a causa nacional, para assim se ganhava Coimbra, que os portuenses sempre viram com independencia não sabendo se a devo-

riam cantar como amigo, ou inimigo.

O Mestre acolheu jubilosos tanto seuato conselho e fez proposta ao alcaide que, para aceitar pedir, lhe desse o apañagio de sua irmã. Esta exigência imbaraçava immenso o real Soberano que, tendo prometido ao seu irmão de abuser o maior parte de seu apañagio, de modo algum queria faltar ao prometido.

D. Nuno, sabedor do ocorrido, escondeu - lhe de Evora onde se encontrava autorisando - o a dispor a sua vontade de que lhe promettesse; para bem da Patria, ele, Nuno renunciava satisfeito.

Tamendo desinteressado, nunca época de constantes rapinas se por si queria nem poucar.

Todavia, não eram só estas as qualidades que ornavam o insigne guerreiro; justiciero como pauco, modelo de baldade nunca consentiu em seu acampamento daro nem humilhação ao inimigo vencido.

Os seus defectos, di - lo Pêro Obagas eram apenas o exagero das suas mesmas qualidades.

O seu espirito demasiado combativo levou - o, algumas vezes, a desobedecer ao rei, desobediencias estas que elle desculpara gastosamente pois o pedido de perdão era sempre acompanhado da noticia de retumbante victoria por elle alcançada.

Assim, estava D. João I bem servido com um guerreiro como D. Nuno, um conselheiro como João das Regras e a dedicacão apaixonada do povo, que esse, honrou - lhe a fôrta, admirando e massar a causa nacional.

De facto, o povo, a maioria unida, como então se dizia, foi unanime em todo o pais no apoio a causa do Mestre e do diti ao invasor.

E que esta raza indomita e generosa, feliz aliança dos seus nobres sangue virgínicos com o dos mais orgulhosos e insubmissos vassallos de Souza,

essencialmente municipalista, não deixava as revoltas abalpelar as suas prerrogativas, mas não abara a sacrificios de vidas ou fazendas sempre que a Patria estivesse em perigo.

São dignos de registro por muitos motivos, além da valentia e dedicacão dos ultramarinos durante o assedio, a heroica resistencia de Blimada e mais tarde o sacrificio dos seus vultos mais categorisados, que não ceitaram em involer no altar sagrado da Patria os proprios filhos que o invasor, na retirada, levou como penhor de fidelidade da villa.

D. João de Castella, ao cercar a capital, ordenou ao mestre de Alcantara e ao prior do Hospital que invadissem o Alentejo. Foi - lhe D. Nuno ao encontro com uma esquadra hoste, composta por trezentas lanças, cem besteiros e outras forças num total de mil e quinhentos homens aaproximadamente.

O inimigo reunia forças quatro vezes superiores em numero. Foi um milagre posterior salvar as forças que nos aliteros offendeu um digno resíduo a invasão crescente do inimigo. E o milagre deu - se; milagre de tatica de um grande chefe que, numo intuito prophético adivinhou o golpe que havia de levar a derrocada final a velha cavalleria medieval.

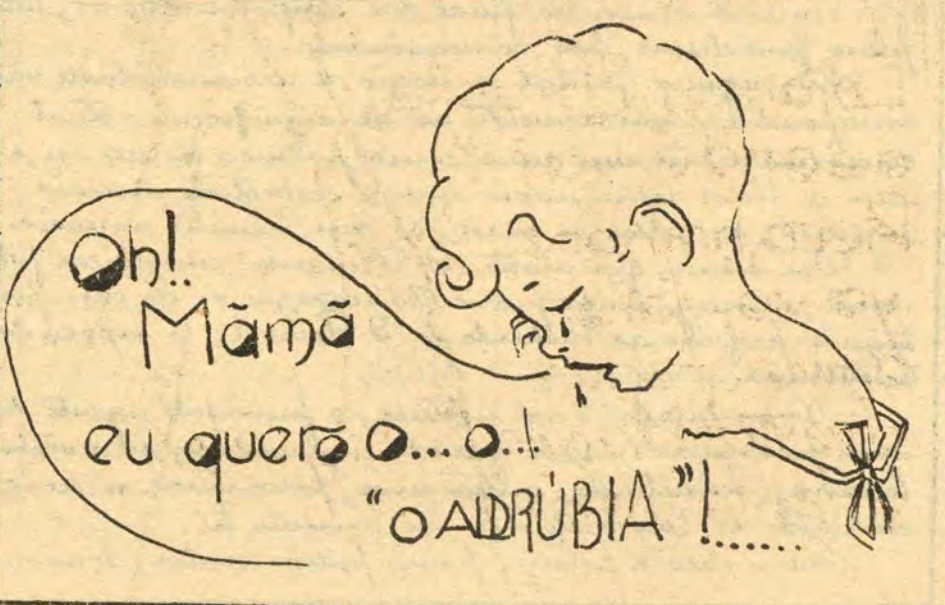
Mudou apear os caracteres e formou um quadrado de infantaria que repeliu galhardamente as quatro impetuosas cargas da cavalleria do adversario.

Foi retumbante esta victoria e deu immenso alento aos nossos. Com ella se notabilizou o chefe, foi tido como heroi. A tatica por elle descoberta e que não mais abandonou tornou - se mais tarde celebre nas campanhas napoleonicas.

Fais um passo, Aljubomote, Vahender; estava galhada a causa sagrada.

Na humildade de um subito de carmelita se firmo, mais tarde, o cavaleiro pundonoroso, principal interprete dessa tragedia noidar que foi a independencia de Portugal.

Jouza Carralhos



A mulher e o voto

Contingência psicologica. É seu dividir a mesma que tem levado a mulher portuguesa, como a mulher francesa, e, duma maneira geral, a latina, a resistir à masculinização dos costumes que a alguns países se apresenta do belo sexo. Qual das nossas gentes comproutas seria capaz, por exemplo, de percorrer as ruas do capital em bicicletas, ou em caminhões, ostentando as pernas e as fotografias dos candidatos do seu partido e angariando votos, como quem pede candeias para os desempregados? Certamente que tem pouca; porque a sua sensibilidade de meridionais isso pareceria desagradante, ridículo e, até também porque entre nós as actas electoraes, como as comissões de propaganda politica, revestem, geralmente, um caracter demasiado violento e apaixonado, para que o belo sexo se apoie a tomar parte nelas.

Não nos descursemos, todavia, porque se a mulher portuguesa não está ainda apta a desempenhar aquele papel importante, talvez de desempate, que a alguns países a mulher está desempenhando, perante a irreductibilidade das duas correntes politicas que actualmente se degradam; esta por certo habilitada a desempenhar aquele outro papel, tão importante ao luso sentimentalismo, de nos acompanharem e animarem nas horas de luta e incerteza, festejando-nos o triunfo com um sorriso.

João Fagundes

Aos Leitores

Foi muito aliás da nossa espectadora o acolhimento benévolo dispensado ao primeiro numero de "O Adrubia". Muito gratos estamos, também, pelas facilidades que nos foram dadas por todas as entidades officiais com quem tivemos de tratar. Ojala continuemos a ver as nossas traqueas em pouco tempo regotadas, como aconteceu a do primeiro numero, para o que estamos certos, muito contribuiremos a boa vontade dos nossos assumptos, não deixando de nos relevar todas as deficiências próprias da nossa inexperiencia em materia jornalística

A mulher e o Matrimonio

Contingência A mulher que casando julga ter conquistado por completo o marido larva um grande erro; a partir dessa altura tem de uma nova conquista a emprender, e a tarefa mais difficil de desempenhar. Trata-se de abanar o esposo a si, procurar por todos os modos ser-lhe agradável, fazendo-o assim chegar ao lar. Clara esta que uma de estes gestos, extremamente ridiculos, então o resultado seria contraproducente.

Quando a esposa tem uma inferior superioridade sobre o marido, ella torna-se para com elle, mesmo involuntariamente, um pouco altiva, orgulhosa do seu valor, fazendo-lhe sentir constantemente a pequenez, a mediocridade do seu instrução, o que, em geral, dá um resultado.

Assim, por exemplo, uma medica, por mais lerda que seja o seu criterio e grande a sua intelligencia e diplomacia, tem, sob este ponto de vista, muito menos probabilidades em ser feliz, casando com um simples empregado de escritório, do que se for consorte de um

um engenheiro ou um adropo do.

É censurado será dizer que, se aquelle - embora diminuido perante a sociedade toda e perante a sociedade toda e perante a sociedade toda, pela modestia, pela equidade da sua posição - for superior em qualidades, principalmente em sensibilidade moral aos segundos, indubitavelmente que será mais feliz casando com este, atendendo - e isto deve pôr toda a atenção - a que a sua complicada psicología, melhor sendo compreendida, melhor será o convívio de ambos.

Jamais a mulher deve casar deixando-se unicamente embalar pelos effluvios embriagantes da fortuna, pelos braços dorados que aureolem o nome do esposo.

Que lhe importa a ella, o tempo, o "cansaço" que o marido respira exteriormente, se é das maiores a sua podridão moral?

De que lhe serve a culminância, o destaque da posição por elle occupada na sociedade, se é reles, baixo, o procedimento no lar??

Todavia há quem assim pense, se deve ultrajar, despi-lhe "de bon cocu" no lodaçal que se lhes apresenta, esquecendo - as insensatos! - que amarrar, aos filhos, que desses uniao resultarem, será preciso mostrar uma educação sólida fundamentada em principios

inmalmente solidos; olvidando que no alma dessas creatureas, que cedo conseguem se habituando a encerrada da vida, se reflectira, como um espelho, a moral d'ellas, pois que a corrupção tornou criminosos!

Tudo color, podridão! Aquella que, pela sua vontade, se saiba impor, consegue calar a voz intima que lhe segreda traçoiramente, lhe ilicite o desejo de procurar no casamento, honrarias, fôrças a mulher que despreza todos estes argumentos de efêmera gloria, contentando-se, e já não é pouco - a encontrar no marido sensibilidade moral, merece a admiração e o respeito de todos, será feliz.

Certo é que muitas vezes o homem caucorre para a infelicidade da companhia, não sabendo apreciar devidamente todos os tesouros de virtude e abnegação por elle semeados laboralmente; mas... cumpre aos cônjuges o imperium-se, lá dig o Corajetinho, faça, pois a mulher por provocar, despertar o marido do atreamento que o cega e os seus esforços serão também prodigamente recompensados.

Querer é vencer. Saiba a mulher querer e a victoria não se fará esperar.

Silva Cruz



Entonces, Chiquita, adonde vas? Pero, hombre, yo vo votar en lo grande diestro Manolo Bienvenida

Dos prezados leitores, pedimos desculpa do pequeno atraso sofrido pelo presente numero, motivado somente pelo facto de não termos recebido, a tempo, o sum legal para a sua publicação.

Queris distrair-vos?... Assimasi o "O ADRUBIA"

Grande Recompensa

Como estava, naquele dia, nervoso e excitado o pastor de Neves!...

Ele cuja vida era duma invariabilidade atroz e que casara com a D. Aldequides quasi sem dar por isso. Fora só a morte no momento de promunciar a posse sacramental - enfim só - que compreendera o alcance do seu acto impensado.

Não porque a D. Aldequides fosse uma senhora, lá isso não, mas os encargos de chefe de família, a colita do mercieiro, do sapateiro, .. e o casaco de pele que pelo Natal deveria oferecer à cara metade, eram coisas, que difficilmente cabiam dentro do seu modesto ordenado de empregado de escritório.

No entanto, bem ou mal, lá se ia arranjando e, como pensava pouco, a vida decorria normalmente.

Levantava-se de manhã cedo e, depois de fazer as suas abluições com água morna e de apagar três vezes o Virilau - assim se chamava o gatinho da D. Aldequides - saía para o escritório onde estava até à uma hora, acumulando cifras sobre cifras com uma indifferença esvaziante.

Al sórra a touzouteante batibarrada, enquiá-se, vestia o sobretudo onde as cuidadas mãos das uncinas Neves não deixavam pairar um grão de pó, pegava na bengala e, depois de dar as boas tardes saía no seu passo lento e rituado.

Voltava pelas duas horas, dava de uóro as boas tardes, despiá o sobretudo, arrumava a bengala a um canto, sentava-se e de uóro se embreinhava no umultidão de algarismos que o rodeavam.

As oito horas regressava a casa, fiantava, lia o jornal saboreando a pequeninos goles a cevada, uiais ecoava uioar que o café, descalçava os chinelos, emvergava a camisola, pumba o barrete, metia-se ao jantar, dava as boas noites e adoroucia.

Porque seria então que ele, para quem não existiam sensações fortes mostrava naquele dia estar preocupado e ansioso pela hora da saída?

Faria o caso, que ao entrar de manhã no escritório, o porta-voz dissera que, uma vez acabado o trabalho, lhe fizesse

falar. Porquê seria, porque não seria?... e um milhão de hipóteses ocorria ao cérebro de Neves que, pouco a pouco, foi perdendo a inevitável calma de que era dotado.

Foi pois neste estado de espirito que o nosso homem atropalhado, titubando, tremulo, vacilante, recesso, inquieto, um suor frio alfofrando - lhe a fronte se apresentou no gabinete do patrão que, olhando-o por cima dos óculos explicou:

Como faz a tua vida, precisa mente trinta avós que não é o nosso empregado, para me provarmos a nossa gratidão pelos seus bons serviços, passarão daqui em diante a ser tratados... por Senhor Neves!

Ser... racha

Uma piada não é nossa Uma boa razão

Um sujeito foi um dia visitar uma casa de doentes e andando a passar os olhos encontrou um doente com quem teve conversar. E então, diga-me cá, porque veio para aqui?

O doente respondeu o seguinte: - O meu senhor, eu casei com uma mulher que tinha uma filha já crescida. Meu pai foi casar com essa mulher e entrou e isso fez com que minha mulher ficasse sendo sogra de meu pai e meu pai ficou meu enteado. Depois, minha madrastra, a filha de minha mulher, teve um filho, essa criança está bem de ver, era meu irmão porque era filho de meu pai, mas também era filho da filha de minha mulher, e, portanto, meu neto, isso tornou-me avô de meu irmão.

A seguir teve minha mulher um filho; portanto a sogra de meu pai, mãe de um filho e também sua avó, porque ele é filho do seu enteado; meu pai é enteado de meu filho porque a irmã dele é sua mulher; eu sou irmão do meu próprio filho que também é filho de minha avó; sou enteado de minha madrastra; minha mulher é tia de seu próprio filho; meu filho é sobrinho de meu pai e eu sou avô de meu neto.

Éis a razão porque aqui estou.

«««««»»»»»

Ultima hora

Hollywood - 11 - Chegou, há dias, a esta cidade o meu illustre felino "Papo-seco", também conhecido por Rosas, que saiu de Portugal em Junho do corrente ano.

Entrevistado pelo nosso correspondente, declarou que, saturado da vida usuetana da capital e sabendo-se possuidor de admiráveis dotes fotograficos, resolvera trocar a sua terra natal e suas danças pela liberdade.

Espera triunfar no sauro com os seus "unias" em fa menor, nos quais não admite que o igualem.

Com o "Papo da Floria" fundou um hospicio para os gatos seus irmãos e coterrâneos, não favorecidos pela sorte.

Esta um pouco mais magro devido a algumas viagens durante a qual, nem sempre tem o seu casapão preso.

No entanto, segundo a opinião do seu medico assistente e do seu "producer", é necessario que assim se mantenha para não prejudicar a luita.

Leura.

Não é para rir!

- Luto muito, caralheiro, não aceder ao seu convite. Mas a verdade é que já estou velho e muito feio para poder frequentar bailes.

- O minha senhoras, não se aflija com isso. Se soubesse quantas estafermas apareceram pelos bailes!...

- Ora, diga-me: sabe de certo que os unias terríveis explosivos se extraem do productos os mais ordinarios. Pode citar um algum?

O alhuo, comovido: - O feijão.

- O rei é catolico?
- Não, senhor.
- É protestante?
- Não, senhor.
- Que é, então?
- Sou primeiro sargento.

- Porque é que as cigarras se conservam com um pé só?

- Não sei, desisto.

- Ora! Porque se levantasse o outro calava no chão.

Caixote do Lixo

Que dias amargurados Para os nossos corações, Sempre em constantes cuidados, Em pulso desordenados, Aos baques, aos repelões.

Não sabendo o que diria, De nós, o leitor amado É se o Aldrubia seria, Numa suprema irruia, Com desdenho posto de lado.

Tudo quando penso em tal Luto um sofrimento atroz, Quero esquecer e, afinal, Não consigo e, por um mal, Terra-se o chão treve a voz.

Chego a perder os sentidos! Depois, deitado no chão, Desperto ao som de ruídos, Que me chegam aos ouvidos Como a chamar - me Aldrubia.

Passo então a mão pela testa, De frio suor, avallada, Vou esperar a uma fresta, Fugiu a ideia funesta,

Fico a rir à gargalhada. É que fulgo ver na rua, Com a vista ainda dubia, Um garoto que acudia Cantando voz unito sua.

Quem quer compor O Aldrubia

Se... racha

Charadas

I) Um gito touzouteiro Num rio tão porcahão Da uma planta picante De gosto sem saborão - 1, 1.

II) Se pode os corpos furar É ladrar como um porco. Arventa que anda no ar Qu'acerta e calha em verso - 2, 1.

III) Que nota tão marcosar Remper do meu violão É gracioso saboroso Que auxilia a digestão - 1, 2.

IV) Para lá destas paragens Está um rio sem chapal. É região de miragens D'este nosso Portugal - 1, 1.

Jagodes.

Soluções

- I) macacos
- II) camaleão
- III) carrapato
- IV) nitela
- V) carioço
- VI) carujau.